

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 15 | Nº 43 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.8191177>



SERVIÇOS INAUGURAIS DE PSICOLOGIA ESCOLAR NO PIAUÍ: UM ESTUDO HISTORIOGRÁFICO

Thayná Costa Santos¹

Isabele Linhares Santos²

Maycon Campos de Almeida³

Leilanir de Sousa Carvalho⁴

Fauston Negreiros⁵

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar a história dos Serviços Inaugurais da Psicologia Escolar no Piauí. A metodologia utilizada é de abordagem qualitativa com estudo do tipo exploratório e descritivo. Para isso, utilizou-se da perspectiva pluralista com o uso da historiografia e da história oral, que tem como objeto específico a realidade histórica em sua integridade. Enquanto critérios de inclusão os participantes foram escolhidos por terem: I) atuado em alguma das instituições que ofertaram os serviços inaugurais de Psicologia Escolar no Piauí; e II) realizado práticas de Psicologia Escolar. Frente a isso, participaram dessa pesquisa 12 profissionais da Psicologia que foram agrupados conforme as suas práticas em pelo menos uma das sete primeiras instituições a ofertar Serviços de Psicologia Escolar no estado do Piauí, das redes públicas e privadas de ensino. Como procedimento para a análise de dados foram construídos, a partir das transcrições das entrevistas, da posterior elaboração de núcleos de significados que resultaram na criação de quatro eixos temáticos, considerando os objetivos da pesquisa. A seguir: a) História dos serviços de Psicologia Escolar e Educacional/PEE no Piauí; b) Principais demandas educacionais; c) Práticas profissionais; d) Pressupostos teóricos e referências. Os resultados encontrados apontam para a inserção da psicologia escolar no estado de modo tardio, em comparação a estados brasileiros das regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste, e com práticas características da PEE tradicional no país, com tendências individualizantes e patologizantes. Contudo, o cenário tem sofrido mudanças significativas quanto aos serviços, e é possível identificar transformações das práticas profissionais, sendo atualmente também embasadas na perspectiva da Psicologia Escolar Crítica, favorecendo novas perspectivas da PEE no estado.

Palavras-chave: Historiografia; Piauí; Psicologia Escolar e Educacional; Serviços Inaugurais.

Abstract

This work aims to present the history of the Inaugural Services of School Psychology in Piauí. The methodology used is a qualitative approach with an exploratory and descriptive study. For this, a pluralist perspective was used with the use of historiography and oral history, which has as its specific object the historical reality in its integrity. As inclusion criteria, participants were chosen for having: I) worked in one of the institutions that offered the inaugural services of School Psychology in Piauí; and II) carried out School Psychology practices. In view of this, 12 Psychology professionals participated in this research, who were grouped according to their practices in at least one of the first seven institutions to offer School Psychology Services in the state of Piauí, from public and private education networks. As a procedure for data analysis, they were built from the transcripts of the interviews, the subsequent elaboration of core meanings that resulted in the creation of four thematic axes, considering the research objectives. Next: a) History of School and Educational Psychology/PEE services in Piauí; b) Main educational demands; c) Professional practices; d) Theoretical assumptions and references. The results found point to the insertion of school psychology in the state at a late stage, compared to Brazilian states in the Midwest, South and Southeast regions, and with practices characteristic of traditional SEP in the country, with individualizing and pathologizing tendencies. However, the scenario has undergone significant changes in terms of services, and it is possible to identify transformations in professional practices, which are currently also based on the perspective of Critical School Psychology, favoring new perspectives of PEE in the state.

Keywords: Historiography; Inaugural Services; Piaui; School and Educational Psychology.

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). E-mail: thaynacs93@gmail.com

² Mestranda em Psicologia do Desenvolvimento Humano e Escolar pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: isabelelinhares@hotmail.com

³ Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). E-mail: mayconcamp12@hotmail.com

⁴ Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: leilanircarvalho@gmail.com

⁵ Professor da Universidade de Brasília (UnB). Doutor em Educação. E-mail: fnegreiros@unb.br



INTRODUÇÃO

A Psicologia Escolar e Educacional desenvolvida no Brasil sofreu forte influência estrangeira, mais especificamente da França e dos Estados Unidos, que eram os principais polos de produção de conhecimento científico da época. Em território nacional, as Escolas Normais foram responsáveis por debater e levar à prática tal conhecimento, aliando Psicologia e Educação. Contudo, o que aconteceu foi uma tendência à classificação, reducionismo dos alunos e ações individualizantes. Por isso torna-se relevante compreender os legados deixados no panorama educacional (ALMEIDA *et al.*, 2023).

Devido ao retardamento da regulamentação e formação do profissional psicólogo no Brasil, que só aconteceu na década de 60, a utilização indevida dos construtos psicológicos no país era bem comum. Após o reconhecimento da psicologia como ciência e profissão os cursos de Psicologia se expandiram pelo país. Não obstante o Piauí fundou sua primeira graduação em 1998 e desde então formou psicólogos de múltiplos campos de atuação, sendo um deles, o psicólogo escolar (SANTOS *et al.*, 2023).

Nesse sentido, investigar a história dos Serviços de Psicologia Escolar no Piauí englobando nesse propósito esferas públicas e privadas de ensino, levando em consideração os panoramas sócios demográficos característicos do território piauiense é de suma importância. E, fundamentando-se nisso, identificar as práticas de atuação do psicólogo escolar desde os serviços inaugurais na Educação Básica via políticas públicas educativas no estado, que incluem como escopo a inserção e atuação de psicólogos escolares. Além disso, comparar a realidade do Piauí com dados provenientes de outros estados brasileiros, conforme a literatura científica especializada. Para isso, essa pesquisa utilizou abordagem qualitativa, com estudo do tipo exploratório e descritivo e aplicação de grupo focal como método investigativo.

REVISÃO DA LITERATURA

A Psicologia Escolar e Educacional/PEE, assim como qualquer outra área de conhecimento, necessitou de um longo processo para ser validada. Para isso é importante discutir o seu percurso considerando o contexto histórico, político, sociológico, econômico e cultural de cada época e região. Assim, é possível apresentar esse itinerário num contexto mundial a partir de três momentos (BARBOSA; SOUZA, 2012).

As práticas iniciais foram inspiradas nos moldes laboratoriais europeus, onde o objetivo principal era rotular os alunos em algum tipo de dificuldade, sem a preocupação de intervir na realidade.



Posteriormente, têm-se um momento histórico marcado pelas tendências americanas de psicometria, com aplicação de testes que buscavam diagnosticar e controlar os ‘desajustados’ do contexto escolar. Por fim, a partir da década de 60 chega-se ao terceiro momento onde as pesquisas possuem um caráter mais adaptacionista, com regime de cunho teórico-prático como predominante (TESSARO; TREVISOL; DAURIA-TARDELI, 2023).

No Brasil, os debates sobre o processo de escolarização e desenvolvimento infantil são promovidos desde o surgimento das escolas normais em 1830, uma vez que essas instituições tinham o objetivo de formar professores de ensino primário (BARBOSA; MARINHO-ARAÚJO, 2010). Nesse cenário a Psicologia e a Pedagogia sempre estiveram em constante comunicação, compartilhando saberes e práticas profissionais.

Ambas as áreas tiveram como legado científico e base das suas práticas concepções de caráter individualizantes, classificatórios, reducionistas e ademais, em específico, prática clínico-terapêutica. O objeto do trabalho voltava-se majoritariamente para os alunos com “problemas”, podendo ser de múltiplas naturezas: aprendizagem, comportamento, socialização no ambiente escolar, desenvolvimento dos processos psicológicos básicos (atenção, memória, linguagem, emoção etc.) ou qualquer conduta que não estivesse enquadrado no padrão tido como “normal” (SILVA; VIÉGAS, 2022).

Outra atividade comum consistia na orientação educacional, que era realizada por indivíduos nomeados como “psicologistas” que haviam cursado os três anos iniciais de filosofia, biologia, estatística ou antropologia, além dos cursos de especialização. O propósito desses profissionais era “auxiliar” as crianças e adolescentes com baixo rendimento ou demais dificuldades no processo educativo (BARBOSA, 2011; CARVALHO, 2007).

No entanto, a história da Psicologia Escolar e Educacional no Brasil só começa a se apresentar com mais afinco, em sincronia com o chamado anteriormente de terceiro momento no cenário mundial, com a regulamentação brasileira da Psicologia enquanto ciência e profissão por meio da Lei nº 4.119 em 1962. Cabendo mencionar que os primeiros movimentos para concretização deste fato foram iniciados ainda na década de 1950 (ANTUNES, 2008).

Concomitante a isso, houve a fundação do primeiro curso superior autônomo de Psicologia na PUC-RJ, em 1953, e a anuência da institucionalização da graduação na USP no mesmo ano. A partir da vigência da lei, foi desenvolvido então o currículo mínimo que era necessário e obrigatório a todos os cursos instaurados (LISBOA; BARBOSA, 2009).

Com respaldo da legislação, os cursos de Psicologia se expandiram pelo Brasil (LISBOA; BARBOSA, 2009). Em específico, o Piauí dispôs da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) como pioneira ao oferecer a graduação em 1998, seguido do Centro Universitário Santo Agostinho no mesmo



ano, ambas em Teresina. Atualmente, são 17 instituições distribuídas pelo estado, segundo o e-MEC (CANDEIRA *et al.*, 2020; NEGREIROS *et al.*, 2020).

Em suma, a atuação engajada da classe garantiu a regulamentação e formação da profissão, assegurou direitos e viabilizou a propagação do saber psicológico para todo o país. Não obstante, novas demandas surgiram e surgem a todo momento, tornando necessário um enfrentamento constante. Os psicólogos precisam ocupar esses espaços ativamente trabalhando suas habilidades para o manejo de políticas públicas em razão dos direitos da Psicologia e da sociedade (D'AMATO; PERFECT, 2020).

Para isso, Borring e Kousholt (2023) apontam sobre a importância de uma formação crítica e não apenas tecnicista, como por muito tempo foi feita, com uma ampla gama de manuais e modelos de avaliação e consulta que prescrevem procedimentos operacionais que definem e segregam as tarefas de psicólogos escolares e demais agentes desse processo. Por isso, é preciso que continue havendo mudanças na base formativa do psicólogo, bem como nas próprias instituições e no cenário político e social.

No que diz respeito aos meios buscados para ultrapassar as barreiras tradicionais por muito tempo impostas, a articulação política da Psicologia Escolar e Educacional no nível nacional obteve recentemente uma vitória importante, com a promulgação da Lei nº 13.935, que viabilizou oficialmente a inserção de psicólogos e assistentes sociais na rede pública de educação básica, a fim de promover um trabalho multiprofissional na construção de projetos políticos pedagógicos concomitante à uma atuação inclusiva, interdisciplinar e articulada com todos atores sociais no contexto escolar (NEGREIROS *et al.*, 2022).

Com isso, torna-se relevante compreender que a atuação política do psicólogo escolar segundo Collares-da-Rocha e Oliveira (2020) é “como promotor de cidadania e defensor dos Direitos Humanos; como membro da rede de apoio e de proteção de crianças e adolescentes; como ator social ativo na participação e controle sociais nas políticas públicas de Educação”.

O poder legislativo piauiense, da mesma forma, vem progredindo no que tange a PEE, com a aprovação do Projeto de Lei Ordinária (PLO) 51/2020, que visa adotar, na rede estadual de ensino, o sistema ABA (do inglês Applied Behavior Analyses, que significa Análise de Comportamento Aplicada) para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para isso, é exigido uma equipe formada por: 1 psicólogo, 1 pedagogo e 2 estagiários de Psicologia para cada quatro alunos com diagnóstico de TEA.

Além disso, foi aprovada também a Lei nº 7654-A, que tem como público-alvo a rede privada de ensino de todo o território piauiense e define que todas instituições devem garantir a presença de um



psicólogo e promover atividade de acolhimento socioemocional com discentes, docentes e pessoal administrativo.

O Fórum sobre Medicalização da Educação e Sociedade – Núcleo Piauí, representado em sua grande parte por Psicólogos Escolares e Educacionais, têm contribuído de modo eficaz no estado com as Propostas de Lei (PL) para instauração do Dia Municipal de Luta contra a Medicalização. Tendo como base as raízes históricas patologizantes da Psicologia, é possível compreender a importância da PL. Em um panorama, cerca de 23 localidades discutiram a proposta, havendo a aprovação em 14 dessas. Nas demais cidades encontram-se seguindo os procedimentos burocráticos (ROCHA; NEGREIROS, 2020).

Assim, diante das mudanças, especialmente teóricas, vividas nas últimas décadas e do fato de a psicologia escolar ainda se encontrar em processo de desenvolvimento, mostra-se a importância de narrar a história e os percursos dessa área no estado do Piauí. Evidenciando a relevância social e acadêmica desta pesquisa, diante da possibilidade de fomentar discussões acerca do tema e produzir material que sirva de subsídios para futuras produções acadêmicas científicas.

MÉTODO

O estudo corresponde a uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo exploratório-descritiva. Para isso, utilizou-se da perspectiva pluralista com o uso da historiografia e da história oral, que tem como objeto específico a realidade histórica em sua integridade e consiste em uma narrativa das experiências e percepções de uma pessoa ou grupo diante de um evento e/ou momento (BACELLAR; PINSKY, 2008).

A história oral é uma técnica que tem como um dos principais atributos a capacidade de proporcionar o acesso a informações passadas diante do testemunho, individual ou coletivo, de pessoas que as experienciaram (THOMPSON, 1992). A entrevista, como um método definidor da história oral, é eficaz quando se busca alcançar a compreensão e perspectiva dos entrevistados a respeito dos fenômenos e por isso foi a técnica escolhida para atingir o objetivo do estudo (BORNAT, 2004).

Para a sua realização, a pesquisa foi submetida primeiramente ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí, aprovada mediante parecer nº 5.625.670, atendendo às Resoluções Nº 466/2012 e Nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde e com a Resolução 010/2012 do Conselho Federal de Psicologia, as quais versam sobre os aspectos éticos e legais de pesquisa envolvendo seres humanos.

Enquanto critérios de inclusão os depoentes foram escolhidos por: I) Ter atuado em alguma das instituições que ofertaram os serviços inaugurais de Psicologia Escolar no Piauí; e II) Ter realizado



práticas de Psicologia Escolar. A partir disso, participaram dessa pesquisa 12 profissionais da psicologia agrupados conforme o serviço que fazem ou fizeram parte.

- Serviço de Psicologia Escolar (SPE) na rede privada de ensino
 - SPE 01 - Instituto Dom Barreto
 - SPE 02 - Colégio Diocesano
 - SPE 03 - Colégio Sagrado Coração de Jesus
 - SPE 04 - Sistema Anglo de Ensino
- Serviço de Psicologia Escolar (SPE) na rede pública de ensino
 - SPE 05 - Instituto Federal do Piauí/IFPI
 - SPE 06 - Secretaria de Estado da Educação/SEDUC
 - SPE 07 - Universidade Federal do Piauí/UFPI

Anterior às entrevistas, foram realizadas de forma on-line na plataforma *Google Meet* com duração média de 40 minutos, tendo como norteador um roteiro de sessões temáticas para o grupo focal, com perguntas semiestruturadas contendo as seguintes questões:

- Quais autores/pressupostos fundamentam teoricamente a sua prática como psicóloga(o) nos serviços de psicologia escolar na instituição?;*
- Descreva a sua atuação nos serviços de Psicologia Escolar no Piauí;*
- Como você observa a sua participação no desenvolvimento dos serviços de Psicologia Escolar no Piauí? (Qual legado? Deixou marcas?);*
- Como você avalia o desenvolvimento dos serviços de Psicologia Escolar no Piauí?.*

Posteriormente às sessões, foi aplicado um questionário sociodemográfico, através da plataforma *Google Forms*, para identificar o perfil dos participantes.

Por fim, como procedimento para a análise de dados foi utilizado as transcrições das entrevistas, devidamente revisadas por cada entrevistado, e relacionadas aos documentos historiográficos oficiais e/ou cedidos pelos participantes. Ao final, serão reinterpretados a partir da Psicologia Escolar Crítica (SOUZA; TOASSA; BAUTHENEY, 2016; SOUZA, 2010). Os depoimentos resultaram na criação de quatro eixos temáticos, considerando os objetivos da pesquisa. A seguir: a) História dos serviços de Psicologia Escolar e Educacional no Piauí; b) Principais demandas educacionais; c) Práticas profissionais; e d) Pressupostos teóricos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para compreender acerca da historiografia dos Serviços de Psicologia Escolar no Piauí, foram realizadas entrevistas em sete instituições distintas, sendo estas públicas e privadas. Um total de doze



psicólogas participaram do estudo. Dessa forma, foram elaborados quatro eixos temáticos fundamentados nos materiais historiográficos produzidos na pesquisa: História dos serviços de Psicologia Escolar e Educacional/PEE no Piauí; Principais demandas educacionais; Práticas profissionais; e Pressupostos teóricos e referências.

História dos serviços de Psicologia Escolar e Educacional (PEE) no Piauí

Com base na proposta do estudo, a análise iniciará apresentando o viés histórico da instalação dos serviços no estado, bem como a contribuição dos entrevistados nesse aspecto. A partir dos dados coletados, o serviço criado no Instituto Dom Barreto, em Teresina, despontou-se como o pioneiro no Piauí, seguido dos serviços no Sistema Anglo de Ensino, Colégio Sagrado Coração de Jesus, Instituto Federal do Piauí (IFPI), Universidade Federal do Piauí (UFPI), Colégio Diocesano e Secretaria de Educação do Piauí (SEDUC) respectivamente.

Esse serviço começou em 1992 com a contratação do psicólogo Moita e da Maria Creuza. E apenas em 1998 eu chego aqui. A princípio, ele era um serviço muito voltado para um atendimento da comunidade [...]. Além desses dois psicólogos tinha duas pedagogas orientadoras educacionais, que depois se tornaram psicopedagogas e implantaram um serviço onde tinham uma vertente voltada para aquilo que a gente vislumbrava em práticas de psicologia escolar e educacional no cotidiano, mas muito ainda sob um viés de atendimento individualizado. Essa participação no cotidiano era muito voltada para o primeiro momento de adaptação escolar, mas depois ela se voltava para o atendimento individualizado do aluno. [...]. Em 1998 eu trouxe uma proposta de boa prática de psicologia voltada especificamente para a comunidade, no cotidiano escolar, onde o meu trabalho era mais voltado para a família, para o aluno e para os professores da comunidade escolar (SPE 01).

O meu início, na prática da psicologia escolar, foi no Lettera, que era uma unidade que na época fazia parte do Sistema Anglo de Ensino, aqui em Teresina. Inclusive se eu não estiver enganada, tanto a Ana Célia Cavalcante quanto a Milena Martins também atuaram nesse sistema. A Ana Célia eu não sei ao certo se atuou no Lettera, mas eu lembro dela atuando no Lavoisier, que era outra unidade do Anglo. Eu lembro que na época que a Milena saiu foi feita seleção, aí entrou uma psicóloga, depois essa psicóloga saiu, entrou outra e depois eu entrei. Então quando eu entrei para o corpo docente do Lettera já havia uma prática de psicologia escolar na unidade, e eu entrei com dois anos de formada. Me formei em 2006 e quando foi em 2008 eu ingressei na prática da psicologia escolar (SPE 04).

Quando eu cheguei aqui já tinha o serviço de psicologia, já tinha uma psicóloga e eu acredito que tenha começado em 2004, por aí. E antes da psicóloga já tinha pedagoga (SPE 03).

Conforme apontam as fontes historiográficas orais, o primeiro serviço de psicologia escolar foi estabelecido em uma instituição da rede particular de ensino, sendo inaugurado no serviço público de ensino somente 12 anos depois. Tal discrepância está marcada na história da PEE no Piauí, e evidencia a escassez de políticas públicas voltadas para efetivação dessa atuação em todos cenários educacionais.



Fato esse que reforça o estereótipo da psicologia como elitista e segregadora (FONSECA *et al.* 2021; ARAÚJO *et al.* 2023).

Contudo, cabe mencionar que o processo de descentralização da atuação da psicologia escolar nos cenários educacionais está em pleno andamento e alguns acontecimentos marcam esse feito. À exemplo, a aprovação da Lei nº 13.935/2019, que dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de Educação Básica e pode possibilitar uma mudança nesse cenário (NEGREIROS *et al.*, 2022)

Além disso, salienta-se que todos os serviços inaugurais de psicologia escolar se encontravam exclusivamente na capital do estado, o que evidencia a centralização territorial da psicologia escolar em seus primórdios. Movimento que foi reforçado pela concentração econômica nesse território.

A primeira psicóloga foi a Joara no ano de 2004. Depois dela entraram Carol e Erotides. Elas assumiram no começo de 2009[...]. Joara era de Teresina Central, Carol de Picos, Erotides de Parnaíba [...]. Quando as meninas assumiram (Carol e Erotides) Joara já estava em afastamento por saúde [...]. E aí o serviço de psicologia só foi efetivado dentro do IFPI com a chegada de Carol e Erotides em 2009 e aí foi se montando ao longo dos anos. Então todas nós que assumimos depois da Joara começamos o serviço do zero. (SPE 05).

Em janeiro de 2014, o diretor, na época, me convidou para ir para o Diocesano da educação infantil. Lá tinha o serviço de orientação, mas não era estruturado como o ensino fundamental e ensino médio. E já teve a perspectiva de Serviço de Psicologia [...]. A gente abriu como o nome SEP – Serviço de Psicologia Escolar e já houve uma mudança no contrato de trabalho. Na carteira de trabalho muda, de orientadora educacional para psicóloga educacional [...]. Logo depois a Denise já veio como psicóloga infantil. Eu fiquei com as turmas da manhã e a Denise com as turmas da tarde. E hoje em dia o colégio se encontra como Serviço de Psicologia Escolar Educacional nos dois segmentos (SPE 02).

Nós fizemos um processo seletivo feito pela secretaria e acho que em 2016 ou foi 2017 [...]. De 2018 em diante o perfil de atuação já era diferente, já era mais voltado para Psicologia Escolar. E aí, quando eu cheguei nessa GRE, que era a 1º GRE, já tinha a Socorro, que já estava desenvolvendo um trabalho, mas que ainda era muito inicial também, não fazia muito tempo. Foi quando a Lidyane chegou e eu cheguei logo em seguida. A gente foi estruturar o serviço, o que a gente chama de serviço de psicologia, que era a atuação do psicólogo voltado para educação, no caso, bem, na característica da Psicologia Escolar mesmo. Anteriormente, como eu falei, a gente atuava voltado para a parte da inclusão, mais o atendimento individualizado, trabalhando com habilitação (SPE 06).

Os movimentos de crítica à psicologia escolar e suas reformulações aconteceram por volta da década de 80 e 90, respectivamente (BARBOSA, 2011; NEGREIROS, 2021). Concomitante a esse fato, no Piauí, os serviços de psicologia escolar ainda estavam em processo de implantação. Percebe-se assim um retardamento em relação às demais regiões do país. Assim como, a expressiva lacuna de tempo entre a instalação dos serviços evidencia a escassez dessas práticas.

À época, nós tínhamos pouquíssimos profissionais de psicologia no estado (SPE 01).



O lapso temporal, bem como o retardamento, podem ser fatores gerados pela limitada oferta dos cursos de Psicologia no estado, uma vez que a atuação em psicologia escolar ocorreu concomitante à disponibilidade de cursos de graduação. Cabendo destacar que no Piauí esses foram disponíveis apenas em 1998 na Universidade Estadual do Piauí/UESPI, seguido pelo Centro Universitário Santo Agostinho, também em 1998 e pelo Centro Universitário Facid Wyden, em 2002, todos na capital Teresina. Apenas alguns anos depois, em 2007, deu-se início ao processo de descentralização e passou a ser ofertado a antiga Universidade Federal Piauí, atualmente Universidade Federal do Delta do Parnaíba, em Parnaíba (CARVALHO, 2019). Tal cenário provocou uma insuficiência de profissionais que dificultou o desenvolvimento da área, assim como o fomento de pesquisas que pudessem movimentar o campo de estudos.

Principais demandas educacionais

No que diz respeito às demandas educacionais, Ronchi, Iglesias e Luziane (2018) enfatizam a necessidade de considerar a grande extensão do país. São diferentes regiões, culturas e cenários políticos que particularizam os sujeitos e as condições em que vivem. No contexto piauiense, não há como desprender os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE (2010) - último censo realizado no país - da realidade trazida pelos participantes. O estado ocupa a 24ª posição no Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, logo, as questões voltadas em torno da vulnerabilidade social narradas, em específico, nos serviços de instituições públicas salientam a circunstância deficitária do estado.

Os alunos que a gente trabalhava eram alunos que estavam em situação de vulnerabilidade, alunos de classe popular. Então, muitas vezes, eles tinham os vínculos familiares fragilizados e tinham dificuldade de relacionamento com seus familiares (SPE 06).

A questão da vulnerabilidade social sempre foi um problema. As coisas acabam sendo injustas porque todos precisam de assistência estudantil [...]. Aqui a gente trabalha com contexto violência, abuso, assédio [...]. Para ver como que a demanda da gente é muito mais que problema cognitivo, dificuldade de aprendizagem, são problemas que vão refletir em todas as esferas (SPE 05).

A gente tem atendido demandas ligadas a aspectos psicossociais que afetam a permanência do aluno [...]. Não tem como nós pensarmos na permanência, na saúde mental do estudante da Universidade Federal do Piauí, sem falar no Plano Nacional da Assistência Estudantil (SPE 07).

Não obstante, demandas de caráter geral se assemelham nos serviços, em destaque, queixas sobre aprendizagem, competências socioemocionais, saúde mental e cuidado com os professores.



Eu percebi chegarem muitas demandas voltadas para aspectos socioemocionais [...] ou até mesmo dificuldades de ordem pedagógica, de aprendizagem [...]. Mas também tinha muitas demandas com professores. Geralmente chegava para nós como demanda sócio emocional e dificuldade com o trabalho e às vezes [...] ele estava trazendo como se fosse uma queixa individual, mas que tinha a ver com o ambiente do trabalho dele e também para além do trabalho, desses problemas familiares que eles estavam vivenciando (SPE 06).

Nós tínhamos as diferentes dificuldades, as diferentes situações que requerem esse olhar do psicólogo. Desde as dificuldades de aprendizagem até a perspectiva de desenvolvimento global, mesmo do aluno (SPE 01).

Dificuldades que envolvem a questão da regulação emocional, alguns que enfrentam episódios de ansiedade [...]. Temos também enfrentado queixas ou atendido queixas relacionadas à própria aprendizagem, dificuldade de concentração, a dificuldade de manter uma rotina de estudos e, muitas vezes, a procrastinação e a desmotivação (SPE 07)

Com relação aos estudantes, a gente sempre teve muito forte [...] a demanda de escuta, de orientação profissional, demandas de automutilação, demandas de ideação suicida, demandas de problemáticas com conflitos familiares [...] Projetos relacionados às competências sócio emocionais ou habilidades sócio emocionais. O acompanhamento relacionado à aprendizagem dos alunos, tanto para potencializar alguns que demonstram habilidades mais desenvolvidas em determinada área, reconhecer, identificar, potencializar (SPE 02).

Então uma das principais não tem como a gente negar, relacionada à questão do suporte em relação à saúde mental e ao sofrimento [...]. Agora a gente também tem uma demanda em relação ao cuidado com os professores, com queixas, exaustão, cansaço [...]. E o pessoal do terceiro ano é muito comum em relação a essa cobrança do terceiro ano, ao ENEM, a pressão da família (SPE 05).

As demandas de atendimento individualizado eram diárias e bastante recorrentes [...]. Tinha as demandas relacionadas às relações interpessoais no contexto sala de aula, sobretudo das turmas do ensino fundamental, eles demandam muito essas ações na perspectiva até mesmo de promoção, de prevenção e também já remediativas mesmo. Tinha a demanda de se trabalhar com as famílias, que era outro ponto para mim bastante desafiante, porque as famílias tinham uma presença muito incipiente no contexto escolar e iam à escola somente naquelas datas ali específicas de receber boletim, de matrícula, rematrícula, então quando o aluno por algum motivo precisava passar por alguma punição, uma suspensão ou coisa do tipo (SPE 04).

Não tem como excluir o fato de a psicologia escolar em sua história ter uma base individualista tradicional, onde cerca as questões escolares no aluno. Portanto, era frequente o processo de culpabilização seguido da correção. Reconhece-se então o psicólogo como um agente de promoção e suporte à saúde no serviço escolar que abrange subjetividade, saúde mental e educação, como evidenciado por Ronchi, Iglesias e Luziane (2018) e por Araújo, Barros, Negreiros e Couto (2023).

Ademais, demandas acerca de inclusão de crianças com deficiência foram percebidas em ambas as esferas de serviços, privado e público. Fonseca, Freitas e Negreiros (2018) afirmam que o psicólogo escolar se torna fonte de assistência técnica para os demais profissionais no processo de inclusão dos alunos.

Além das crianças, já àquela época com necessidades especiais, que hoje a gente chama crianças com deficiências [...]. E dentro do programa de inclusão (SPE 01).

Uma demanda muito forte no contexto da nossa escola são os estudantes com necessidades especiais, que estão presentes desde a educação infantil até o ensino médio. Então a gente com o



setor, o serviço que têm de atendimento educacional especializado atuamos em conjunto para atender essas demandas (SPE 02).

Nós também precisamos compor a comissão do que é o modelo de atendimento aos alunos com necessidades específicas. A gente também está lá, ajudando no planejamento e acompanhamento desse aluno, da necessidade específica (SPE 05).

É importante destacar acerca das implicações da inclusão de crianças e adolescentes com necessidades especiais nas instituições de ensino regular, uma vez que as Políticas Públicas já efetivas, que representam um avanço no marco normativo e garante uma série de direitos para as comunidades com deficiência nem sempre garante a inclusão real.

Além disso, cabe reforçar que embora seja cobrado dos psicólogos ações de caráter clínico individualizante que reforcem o viés culpabilizante centrado em corrigir e adaptar tais alunos, esse não é o real papel desses profissionais em relação à inclusão de crianças com deficiências nas instituições. Uma vez que, este, deve trabalhar com a inserção efetiva desse aluno em conjunto com as demandas de toda comunidade escolar, consequentemente promovendo ações que incluam e respeitem suas particularidades e necessidades (RESENDE; FERREIRA; JAQUEIRA, 2021).

Por fim, também foi trazido questões que atravessam a atualidade, como o contexto resultante da pandemia do COVID-19, que foi citado como vetor de ampliação das demandas educacionais, conforme as falas a seguir:

Quando a gente fez o retorno (da pandemia), a gente tentou um retorno mais gradual possível para tentar não ter esse impacto tão grande. Vendo a realidade de outros e outras instituições de ensino que a gente estava vendo crises coletivas de ansiedade, então a gente tentou prevenir isso aqui. E não teve essa questão coletiva, mas a gente teve muitos casos (SPE 05).

A pandemia como um marcador, é importante ressaltar como essa demanda de saúde mental, de necessidade de escuta, de acolhida ela cresceu de maneira absurda. Não só como parte dos professores, como também dos alunos e família (SPE 02).

Nesse âmbito, não houve discrepância quanto à modalidade dos serviços. Guzzo, Souza e Ferreira (2022) assinalam que o psicólogo escolar é responsável por analisar os efeitos causados pelo período de isolamento social e pandemia, bem como por preconizar intervenções que os atenuem. Verifica-se a partir dos trechos das entrevistas que os serviços de psicologia escolar no estado asseguraram esse cuidado com os indivíduos.

Práticas profissionais

No que concerne à atuação do psicólogo escolar e educacional no Brasil, tem-se como predominantes ações pautadas num viés individualizante e com práticas clínico-terapêuticas nos



serviços (BARBOSA, 2011; NEGREIROS, 2021). Segundo alguns trechos das entrevistas, no território piauiense seguiram em semelhante perspectiva, como mostrado a seguir:

Elas implantaram um serviço onde tinham uma vertente voltada para aquilo que a gente vislumbra em práticas de psicologia escolar e educacional no cotidiano, mas muito mais um atendimento individualizado. Essa participação no cotidiano era muito voltada para o primeiro momento de adaptação escolar, mas depois ela se voltava para o atendimento individualizado do aluno (SPE 01).

A atividade psicológica, que é a atividade no âmbito da psicologia, nesse período era desenvolvida por estagiários da Faculdade Santo Agostinho e no estágio basicamente de psicologia clínica [...]. Então, quando eu cheguei, a configuração do serviço era muito na perspectiva do atendimento individual. Mas nós fomos mudando isso, tentando mostrar aqui para a gestão a importância de nós termos uma atuação mais pautada numa perspectiva institucional, uma questão prática de psicologia escolar e educacional (SP 07).

Tal modo de condução promoveu na sociedade expectativas errôneas quanto ao papel do psicólogo no ambiente educacional, evidenciando, portanto, uma visão conservadora e adaptativa. Dessa forma, tem-se na história práticas de psicologia clínica tradicional dentro das escolas designando ao psicólogo o papel de tratar os alunos-problema e devolvê-los à sala de aula "bem ajustados" (ANDALÓ, 2012).

O primeiro desafio, era com a própria gestão da GRE, eles compreenderem a nossa atuação, que não era uma atuação clínica individualizada, mas que a gente trabalhava na perspectiva educacional, que envolvia a parte pedagógica. E para a gente demonstrar isso ou convencê-los disso, a gente teve que demonstrar como era de fato o trabalho do psicólogo escolar. (SPE 06).

É um trabalho diário e a gente sempre precisa estar lembrando que a gente não está ali para atendimento clínico. A gente está ali para contribuir desde a gestão até para o processo de aprendizagem (SPE 05)

Mas nós fomos mudando isso, tentando mostrar aqui para a gestão a importância de nós termos uma atuação mais pautada numa perspectiva institucional, uma questão prática de psicologia escolar e educacional (SPE 07).

Atualmente torna-se necessário esclarecer, inclusive aos demais profissionais, a respeito do que caberia ou não ao serviço de psicologia. Sendo essencial fortalecer uma parceria com os demais agentes atuantes da instituição a fim de realizar práticas multiprofissionais onde o psicólogo funciona como um elemento catalisador de reflexões e um conscientizador dos papéis representados pelos vários grupos que compõem esse espaço.

O estabelecimento de discussões com maior intensidade a respeito da Psicologia Escolar Educacional e sobre Psicologia Escolar Crítica (BARBOSA, 2011), assim como a criação de cursos de Psicologia no interior do estado possibilitaram mudanças no perfil de atuação (CARVALHO, 2019; SANTOS *et al.* 2023).



Então eu lembro que um dos primeiros projetos que elaborei foi o de orientação profissional (SPE 04)

Dentro da escola a gente não pode fazer terapia, mas segue um trabalho terapêutico. Quando a gente entra em sala, quando a gente leva uma abordagem para um aluno em sala de aula, a gente busca que eles se escutem e, ao mesmo tempo, escutem os outros e dentro daquele contexto, eles encontram uma vazão pro o sofrimento, para uma angústia, para uma situação específica. Então com os alunos é feito o projeto de vida, a gente trabalha com esse projeto desde a educação infantil até o ensino médio [...]. Por mais que alguns achem que o projeto de vida esteja voltado para a profissão, para um trabalho vocacional, não é isso. O nosso projeto de vida é para que o aluno encontre recursos próprios e recursos sociais e busque caminhos que impactem a humanidade [...]. Além disso, a gente trabalha outros tipos de discussões. Por exemplo, a cada mês a gente seleciona uma temática para trabalhar com a criança. (SPE 03).

Além dos encontros coletivos que a gente tinha com as famílias, com os professores e com os alunos, nós adotamos também, posteriormente, práticas de meditação na escola. Práticas de relaxamento. Trouxemos yoga e trouxemos reuniões. Também intensificamos os encontros de reuniões com palestras de pessoas externas e também de funcionários internos [...]. Então, nós iniciamos essa participação no planejamento. Posteriormente, nós criamos outra prática, que era algo mais ou menos no viés do que era o projeto de convivência. Mas a gente renomeou como adolescência em pauta, onde esses adolescentes eram protagonistas do processo para discutir temáticas a partir de demandas espontâneas deles. Então, além disso, nós montamos um momento específico para discussão das demandas e planejamento da própria equipe de psicologia [...]. Nós temos vivências sobre competências socioemocionais orientadas pela Base Nacional Comum Curricular, a BNCC. Além da participação nos planejamentos e frequentes encontros com família para discutir sobre desempenho acadêmico ou para contribuir com o melhor aprendizado desse educando (SPE 01).

Fazia aquela escuta para orientação, aquele acolhimento. E aí depois disso, quando a gente entende as necessidades do sujeito, a gente também conhece mais a escola [...]. A partir do que a gente identificava, a gente desenvolvia projetos. Mais uma vez naquela escola, além de fazer um acompanhamento do que tem acontecido na escola, a partir daquela queixa individual, a gente identificava outras necessidades e trabalhamos isso no coletivo [...], mas um mapeamento institucional escolar [...]. A gente ia à escola aplicar os questionários para saber sobre o clima escolar e para entender melhor como está a gestão [...]. Nós começamos a estruturar instrumentais, desenvolver alguns projetos via canal educação que hoje atualmente tem: estudar, pode ser leve e Educação pela vida. Então, nós desenvolvemos lá projetos e trabalhamos com formação, tanto formação de gestores. E quando tem as semanas pedagógicas, a gente vai conversar e dialogar com esses gestores sobre temas que envolvem acolhimentos, a parte psicossocial e também formação com os próprios psicólogos (SPE 06)

Nesse contexto, o SAPSI (Serviço de Apoio Psicológico) vem desenvolvendo ações diversas, como ações de escuta e aconselhamento psicológico, de orientação escolar-acadêmica, ações de prevenção e promoção. Então, em alguns termos de atividades a gente tem as atividades individuais [...] nós também temos as atividades coletivas. Por exemplo, o serviço ele participa do Seminário de Introdução ao Curso, apresentando que ações que são desenvolvidas ou discutindo temáticas relacionadas à permanência dos alunos. No serviço desenvolvem ações pontuais, isso é muito sistemático com professores. Então, ocasionalmente, nós somos demandados por um departamento para discutir aspectos relacionados à gestão da sala de aula, aspectos relacionados à saúde mental e o impacto que isso produz na permanência do aluno. Assim também, sempre que demandado, de aulas inaugurais de programas de pós-graduação. Então, a gente também desenvolve atividades nesse sentido, essas campanhas que sempre tem, que o SAPSI também faz, setembro amarelo, etc. [...]. Aqui na universidade nós temos uma escuta psicológica, o que nós não tivemos como abdicar dessa atividade individual pela importância que ela tem no contexto da assistência estudantil (SPE 07).

Fonseca (2020) salienta que o psicólogo escolar deve mudar o foco do seu trabalho, passando de enfoques individuais para sociais. Consequentemente se afastando da atividade clínica tradicional



(psicoterápica) para se aproximar a ações de psico-higiene (população sadia e promoção da saúde) mas sem negligenciar as demandas que lhes forem apresentadas de forma individual. Dessa forma, o psicólogo não atenderá nem a recusará, mas a “escutará”.

Nós tínhamos formação de professores, por exemplo, atividades voltadas às oficinas de adaptação curricular, Projeto Político Pedagógico, articulação com atendimento educacional especializado [...]. Nós tínhamos também, a participação com a família, palestras psicoeducativas, atividades durante todo o ano letivo, o Dia dos Estudantes, as Jornadas Pedagógicas, que sempre eram muito oportunas com os trabalhos que a psicologia [...]. Alguns acolhimentos com familiares também para alinhar expectativas, acompanhamentos ao longo do ano relacionado a isso, escuta de familiares de alunos. E a sessão, imersão, com o profissional no cotidiano na escola. O trabalho na psico-gestão. Reunião com gestores [...]. Uma atividade que a gente fazia com uma certa frequência era produção de relatórios de acompanhamento da psicologia (SPE 02).

Aqui quando eu preciso trabalhar geralmente eu trabalho sob demanda, então os professores e os superiores solicitam. E a gente vai fazendo de acordo com que demanda pede e a gente consegue se organizar (SPE 05).

Cabe também destacar a importância da psicologia escolar no processo de integração entre os diversos agentes mediadores no processo educacional, cabendo à ele promover ações de caráter multiprofissional sem deixar de diferenciar as suas funções com os demais corpos profissionais, tais como orientadores educacionais, psicopedagogos e os próprios professores (FONSECA, 2022; BRASIL, 2019).

Por fim, entende-se que a postura de atuação dos profissionais nos serviços de psicologia escolar Piauí apresenta práticas com base na Psicologia Escolar Crítica, com o olhar voltado para o coletivo e o trabalho desenvolvido em gestão. Contudo, ainda perdura o hábito de atendimento individual como orientação, escuta e acolhimento. Em alguns casos, ampliando o público-alvo para funcionários da instituição e familiares dos alunos (LOPES; SILVA, 2018; NEGREIROS; ALEXANDRINO, 2023).

Pressupostos teóricos e referências

O embasamento teórico utilizado pelos psicólogos demonstra a maneira de compreender os sujeitos e os processos. Nesse sentido, acaba por resultar no papel de guia de atuação profissional, tornando assim sua análise essencial (HUNT, 2005; FONSECA *et al.*, 2021).

A Psicologia Escolar Crítica, nos nomes de Maria Helena Souza Patto, Marilene Rebello de Souza, Fauston Negreiros e Claisy Maria Marinho-Araújo, embasam significativamente os serviços de psicologia escolar no Piauí, sendo citados nas falas de modo quase unânime pelos participantes.



Ademais, a visão vygotskyana constitui-se como um dos principais fundamentos teóricos utilizados pelos psicólogos.

A influência da Psicologia Escolar Crítica na atuação dos profissionais perpassa instituições públicas e privadas, demonstrando a ampla adoção da perspectiva nos múltiplos cenários do estado. Outrossim, aponta que, em contrapartida, à história individualizante da PEE, atualmente, há uma prática com vistas para o processo de modo integral dos sujeitos, uma compreensão com base em seus contextos e uma tendência à criticidade enquanto membros de gestão (ZUCOLOTO *et al.*, 2019).

Então, quando eu iniciei na escola, o que me fundamentou foi a sócio-histórica, né? O próprio Vygotsky e Piaget. Dentro da linha do desenvolvimento, dentro da linha do infantil e, ao mesmo tempo, as minhas leituras teóricas eram voltadas e baseadas na psicanálise (SPE 03).

Nós adotamos uma compreensão vygotskyana desse contexto sócio histórico [...]. (SPE 01).

Eu fui mais para a sócio histórica [...] A teoria da Psicologia Escolar Crítica (SPE 05).

Eu sigo na linha da Psicologia Escolar Crítica (SPE 03).

A perspectiva da Psicologia Escolar Crítica está presente nas nossas discussões o tempo todo [...], poderia destacar a própria Maria Helena Souza Patto [...], professora Clayse Maria Marinho-Araújo, que discute a psicologia escolar na educação superior (SPE 07).

Teóricos que acho que subsidiam muito, os próprios da Psicologia Escolar, aqui nós temos a referência do professor Fauston que tem muita publicação/produção, tem a Marilene Proença, Neiva. [...]. Mas tem outros teóricos do desenvolvimento, da aprendizagem como Piaget, Vygotsky, Wallon [...] os autores da Psicologia Crítica como Marilene Proença, Professor Fauston também [...]. A gente utiliza os autores da Psicologia Positiva, inteligência emocional [...] (SPE 02).

Eu fazia muitas leituras do César Coll. Alguns autores da orientação profissional. A Maria Helena Souza Patto. Muitos artigos com temas mais direcionados (SPE 04).

Como mencionado anteriormente, a demanda pelo desenvolvimento de competências sócio emocionais no ambiente escolar existe, logo, são empregados como apoio teóricos como Almir Del Prette, Vicente Caballo e Daniel Goleman. A leitura de Referências Técnicas do Conselho da Atuação do Psicólogo na Educação Básica, apesar de não ter sido mencionado em uma maior quantidade de vezes, é primordial no apoio aos profissionais; assim como a Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional/ABRAPEE, enquanto entidade científica especializada. Por fim, demais teóricos do desenvolvimento como Wallon, Piaget também empregues.

Dentro do projeto de habilidades sociais, por exemplo, habilidades sócio emocionais a gente utilizou Almir Del Prette, Vicente Caballo, utilizou dentro da inteligência emocional Daniel Goleman (SPE 02).

A gente utiliza as referências técnicas do Conselho da Atuação do Psicólogo na Educação Básica [...] E aí a gente vai utilizar a Psicologia Escolar Crítica. A gente usa Marilene Proença e o próprio prof. Professor Fauston [...]. Em termos de teorias da psicologia, eu utilizava assim, mais a leitura do Vygotsky (SPE 06).



A gente tem uma cultura educacional forte, então a Psicologia Escolar se faz presente dentro do próprio contexto estadual [...]. Então eu penso que a gente tem uma grande construção, de evolução, se a gente for pensar de quando a gente foi estudante para o momento atual, a gente tem grandes evoluções na atuação. Eu vejo um caminho de grande abertura, de possibilidades, tanto no âmbito escolar quanto educacional na totalidade (SPE 02).

Observa-se um arcabouço teórico diverso, onde há uma fundamentação central, a Psicologia Escolar Crítica. Todavia, variâncias também ocorrem consoante a perspectiva pedagógica de cada instituição, as demandas que emergem e o contexto em que os serviços estão estabelecidos, em suma, sendo convertido conforme a realidade em que se insere (RONCHI; IGLESIAS; AVELLAR, 2018).

Conforme as análises historiográficas realizadas, podemos compreender como ocorreu a inserção dos psicólogos no campo educacional, bem como suas práticas profissionais e fundamentação teórica utilizada. Nesse sentido, o estudo alcança a sua proposta de identificar os primeiros serviços de psicologia escolar instituídos no Piauí.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi identificar como ocorreu a inserção dos serviços inaugurais de Psicologia Escolar e Educacional no estado do Piauí. Os relatos possibilitaram a divisão de 4 eixos temáticos que evidenciam momentos, acontecimentos e bases teóricas importantes para essa história.

Primeiramente, destaca-se pontos acerca da história de fundação dos serviços de psicologia escolar no Piauí, constatando-se que tais práticas iniciaram na esfera privada, enquanto no setor público se estabeleceu de modo tardio, por meio de políticas públicas de melhoria da educação. Em segundo, viu-se que as principais demandas educacionais se relacionam em torno de queixas sobre o processo de aprendizagem, saúde mental e a influência da vulnerabilidade social nesses contextos.

Em terceiro, destaca-se a relevância da atuação em psico-gestão e o processo de transformação das práticas profissionais, ainda que na maioria dos registros dos participantes fosse presente a espera por atendimentos individuais por parte das instituições e comunidades. E, por fim, foi trazido acerca do embasamento teórico dos profissionais percebendo-se o quão forte é a influência do movimento de crítica em Psicologia Escolar e da perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural.

A partir disso, podemos concluir que a inserção e atuação da maioria dos profissionais psicólogos nos serviços de Psicologia Escolar no Piauí, apesar de indicarem seguir uma fundamentação teórica pautada em teorias críticas, o olhar clínico e individualizante ainda se revela diante de algumas práticas. Por fim, foi possível atingir o objetivo inicial do estudo, cabendo aqui reforçar a sua relevância diante da possibilidade de fomentar discussões acerca do tema e produzir material que sirva de subsídio



para futuras produções acadêmico-científicas, diante da escassa produção historiográfica da área no estado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. C. *et al.* **Breve historiografia da disciplina Psicologia da Educação no Piauí.** Itapiranga: Editora Schreiben, 2023.

ANDALÓ, C. S. D. A. “O papel do psicólogo escolar”. **Psicologia: Ciência e Profissão**, vol. 4, 2012.

ANTUNES, M. A. M. “Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas”. **Psicologia Escolar e Educacional**, vol. 12, n. 2, 2008.

ARAÚJO, M. G. *et al.* “Doenças prevalentes em estudantes por territórios do Piauí: reflexões da Psicologia Escolar. Dedicar”. **Revista de Educação e Humanidades**, vol.21, 2023.

BACELLAR, C.; PINSKY, C. B. “Fontes históricas”. **Uso e Mau Uso dos Arquivos**, vol. 2, 2008.

BARBOSA, D. R. **Estudo para uma história da Psicologia Educacional e Escolar no Brasil** (Tese de Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano). São Paulo: USP, 2011.

BARBOSA, D. R.; SOUZA, M. P. R. “Psicologia educacional ou escolar? Eis a questão”. **Psicologia Escolar e Educacional**, vol. 16, 2012.

BARBOSA, R. M.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. “Psicologia escolar no Brasil: considerações e reflexões históricas”. **Estudos de Psicologia**, vol. 27, n. 3, 2010.

BORNAT, J. “Oral history”. *In*: SEALE, C. **Qualitative Research Practice**. London: Sage Publications, 2004.

BORRING, C. G.; KOUSHOLT, D. “School psychology practice as conflictual collaboration”. **Proceedings of the IMPACT 2023**. Lisbon: IMPACT, 2023.

BRASIL, **Lei n. 13.935, de 11 de dezembro de 2019**. Brasília: Planalto, 2019. Disponível em: <www.planalto.gov.br> Acessado em: 07/07/2023.

BRASIL, **Lei n. 4.119, de 27 de agosto de 1962**. Brasília: Planalto, 1962. Disponível em: <www.planalto.gov.br> Acessado em: 07/07/2023.

CANDEIRA, B. S. *et al.* “O psicólogo escolar em políticas públicas no Piauí: mapeamento e demandas”. **Interação em Psicologia**, vol. 24, n. 3, 2020.

CARVALHO, D. B. **O trabalho docente em Psicologia e o enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes: uma experiência teresinense** (Tese de Doutorado em Psicologia). Natal: UFRN, 2007.

CARVALHO, L. S. **Psicologia Escola na rede pública de ensino do Piauí: mapeamento, caracterização e modelos de atuação em políticas públicas educacionais** (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Parnaíba: UFPI, 2019.



COLLARES-DA-ROCHA, J. C. C.; OLIVEIRA, D. R. “A participação política do psicólogo escolar: modos e ações”. In: NEGREIROS, F.; MAIA, J. B. D. (orgs.). **Psicologia Escolar: Atuação Político-Legislativa e Luta Antimedicalizante**. Teresina: Editora da UFPI, 2020.

D'AMATO, R. C.; PERFECT, M. “History of the future of proactive school psychology: Historical review at our 75th APA anniversary to transcend the past, excel in the present, and transform the future”. **School Psychology**, vol. 35, n. 6, 2020.

FONSECA, C. C. “Psicologia escolar: a evolução do papel do psicólogo na escola”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 11, n. 31, 2022.

FONSECA, T. D. S. *et al.* “Representações sociais do psicólogo escolar e educacional: um estudo comparativo com estudantes de graduação em Psicologia”. **Summa Psicológica UST**, vol. 18 n.2, 2021.

FONSECA, T. S.; FREITAS, C. S. C.; NEGREIROS, F. “Psicologia escolar e educação inclusiva: A atuação junto aos professores”. **Revista Brasileira de Educação Especial**, vol. 24, 2018.

GUZZO, R. S. L.; SOUZA, V. L. T.; FERREIRA, Á. L. M. C. M. “A pandemia na vida cotidiana: reflexões sobre os impactos sociais e psicológicos à luz da perspectiva crítica”. **Estudos de Psicologia**, vol. 39, 2022.

HUNT, H. T. “Why psychology is/is not traditional science: The self-referential bases of psychological research and theory”. **Review of General Psychology**, vol. 9, n. 4, 2005.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Índice de Desenvolvimento Humano**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

LISBOA, F. S.; BARBOSA, A. J. G. “Formação em Psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação”. **Psicologia: Ciência e Profissão**, vol. 29, n. 4, 2009.

LOPES, J. A. S.; SILVA, S. M. C. “O psicólogo e as demandas escolares: considerações sobre a formação continuada”. **Psicologia Escolar e Educacional**, vol. 22, n. 2, 2018.

NEGREIROS, F. *et al.* “Expectativas da sociedade brasileira sobre psicólogas (os) na rede pública de ensino: o caso da lei 13.935”. **Revista de Psicologia, Educação e Cultura**, vol. 26, n. 2, 2022.

NEGREIROS, F. *et al.* “Inserção profissional da/o psicóloga/o escolar em Instituições Públicas do Piauí: Georreferenciamento e políticas educacionais”. **Cadernos de Educação**, vol. 19, n. 39, 2020.

NEGREIROS, F. **Palavras-chave em psicologia escolar e educacional**. Campinas: Editora Alínea, 2021.

NEGREIROS, F.; ALEXANDRINO, R. (orgs.). **Psicologia Escolar e Educacional e População LGBTQIA+**. Campinas: Editora Alínea, 2023.

PATTO, M. L. S. **Psicologia e ideologia: uma introdução crítica à psicologia escolar**. São Paulo: Editora da USP, 2022.

PIAUI. **Lei n. 7654-A, de 09 de dezembro de 2021**. Teresina: ALEPI, 2021. Disponível em: <www.pi.gov.br>. Acesso em: 12/07/2023.



RESENDE, M. O. C.; FERREIRA, M. A. A.; JAQUEIRA, M. “Políticas públicas de inclusão do aluno autista na educação básica brasileira”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 5, n. 14, 2021.

ROCHA, J. O.; NEGREIROS, F. “Elaboração de projetos de leis como prática do psicólogo: o caso da luta antimedicalizante no legislativo”. *In*: NEGREIROS, F.; MAIA, J. B. D. **Psicologia Escolar: Atuação Político-Legislativa e Luta Antimedicalizante**. Teresina: Editora da UFPI, 2020.

RONCHI, J. P., IGLESIAS, A.; AVELLAR, L. Z. “Interface entre educação e saúde: revisão sobre o psicólogo na escola”. **Psicologia Escolar e Educacional**, vol. 22, n. 3, 2018.

SANTOS, T. C. *et al.* **Vamos conhecer a historiografia da Atuação em Psicologia Escolar no Piauí?** Itapiranga: Editora Schreiben, 2023.

SILVA, M. G. “Psicologia, psicologia sócio-histórica e educação”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 7, n. 19, 2021.

SILVA, N. G. P.; VIÉGAS, L. S. “O componente curricular Psicologia da Educação na formação crítica de professores: limites e possibilidades”. **Revista Teias**, vol. 23, n. 71, 2022.

SOUZA, M. P. R. **A atuação do psicólogo na rede pública de educação: concepções, práticas e desafios** (Tese Livre-Docência em Psicologia). São Paulo: USP, 2010.

SOUZA, M. P. R.; TOASSA, G.; BAUTHENEY, K. C. S. F. **Psychology, society and education: critical perspectives in Brazil**. 2016. New York: Nova Publishers, 2016.

TESSARO, M.; TREVISOL, M. T. C.; DAURIA-TARDELI, D. “entre a expectativa e a prática do profissional da psicologia na escola”. **Psicologia em Estudo**, vol. 28, 2023.

THOMPSON, P. **A voz do Passado: história oral**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

ZUCOLOTO, P. C. S. V. *et al.* “Atuação do psicólogo escolar crítico frente às queixas escolares: as assembleias escolares”. **Revista de Psicologia da IMED**, vol. 11, n. 1, 2019.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 15 | Nº 43 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima